

No Auge do Anonimato  
Homero Ferreira

Manuel Bandeira organizou uma Antologia dos Poetas Bissexto Contemporâneos. Se hoje organizassem uma dos músicos bissexto, Mario Gil bem que podia fazer um Pedro Nava e defender brilhantemente as cores de Juiz de Fora.

Mais que bissexto, quieto, anti-alarde. Pior, mineiro mesmo. Da Zona da Mata. Adolescente, pelas Halfelds da vida, considerou a sério – meu Deus! – a possibilidade do enxadrismo profissional. Deus é grande, a Lusitana roda e, abandonando as pretas e as brancas, lá se foi pra São Paulo, pra estudar e tocar violão. Estudar, com o professor Henrique Pinto. Villa-Lobos e Agustín Barrios ao luar. E tocar, bom, é claro, caiu na vida. E na noite. *Vou Vivendo, Café Paris, Clube do Choro...* Vários bares. E noites. E os companheiros de geração e viagem musical: Bré, este desde sempre, desde os choros do *Rabo de Galo*, e Renato Braz, Wagner Brandão, Mônica Salmaso.

E sempre, na paralela, a Escola Suíça e o inacreditável *home studio*. Na Escola desenvolveu um longo e belo trabalho de extensão nas artes. O estúdio, pra se ter uma idéia, era um quarto (com janela à prova de ruído) num apartamento em Jardim Bonfiglioli, Butantã, lugar de cobra. Ô capricho num som de violão e de flauta, triângulo, acordeom, voz. Gravações preciosas: *Luz do Cais, Contos do Mar, Outro Quilombo*. E ele ali – gravando/mixando/masterizando – numa concentração de Bobby Fischer.

Esse, o Mario, que agora graças à Petrobras – salve o Campo Tupi! – dá de novo o ar de sua graça.

Um dia, tempos atrás, Mario, cansado da lida, ligou pro irmão mais velho: “po, ando pensando em parar com esse negócio de tocar e cantar na noite. A Escola Suíça ta o máximo, meu salário é bom, to seguro. Sei não, essa coisa de ficar tocando... to pensando em parar”. E o Júnior, lá de Juiz de Fora: “Po, Mario, ficou louco, parar?! Mas bem agora que você ta no auge do anonimato!”.

Homero Ferreira é produtor musical e diretor artístico do Teatro Fecap, em São Paulo.